

ENTRE LENTES – O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
AMONG LENS - THE TEACHING OF LITERATURE IN BASIC EDUCATION

Rafael Julião¹

RESUMO: O presente artigo se destina a tecer algumas reflexões sobre o ensino de Literatura na Educação Básica, em especial, no Ensino Médio. O objetivo aqui é sugerir propostas para a apresentação dessa disciplina curricular aos alunos, fazendo com que eles entendam o sentido, a importância e o prazer dos estudos literários, e a função que a literatura exerce na capacidade do aluno de perceber o mundo ao seu redor, bem como de interferir nele de modo construtivo e propositivo. Tudo isso está amparado pela crença de que a literatura é um instrumento fundamental para desenvolver a percepção da realidade em sua multiplicidade e complexidade.

Palavras-chave: Literatura, ensino, realidades.

ABSTRACT: This article is intended to make some reflections on the teaching of Literature in Basic Education, especially in high school. The goal is suggesting proposals for the presentation of this curriculum subject to students, making them understand the meaning, the importance and the enjoyment of literary studies and the role that literature plays in student's ability to perceive the world around them, as well as to interfere with it in a constructive and purposeful way. All this is supported by the belief that literature is a key tool for developing the perception of reality in its multiplicity and complexity.

Keywords: Literature, teaching, realities.

1 DISTRIBUINDO LENTES

O termo “lente”, conforme ensinam os professores de Gramática, pode apresentar sentidos diferentes, consoante o gênero que apresenta em cada contexto. No feminino, como se sabe, a palavra remete a um conjunto de instrumentos ópticos, utilizados para interferir na percepção visual. No masculino, aponta para outro sentido, de uso mais eventual, segundo o qual “lente” significa professor. Esse dado chama atenção para a etimologia da palavra, que carrega o mesmo radical do verbo “ler”. Assim, aproximando os sentidos, aquele que lê ou que ensina a ler se revela um vizinho semântico do aparato que conduz o olhar.

A proximidade entre esses significados, posto que banal, é interessante para introduzir a ideia de que o professor de Literatura tem a função e a responsabilidade de interferir na forma com a qual o aluno percebe a realidade. Essa tarefa de conduzir o olhar

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Faculdade de Letras. Doutorando em Literatura Brasileira. E-mail: rafaeljuliao@ig.com.br.

traz à lembrança uma crônica do escritor Eduardo Galeano, que narra brevemente a história de Diego em sua primeira experiência com o mar:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2002, p. 12)

A crônica se intitula “A função da Arte/1”, e se aplica com igual pertinência ao caso específico da Literatura. O ponto de partida de Diego é algo que ele não conhece. O que se revelará é novo, inesperado e se esconde atrás das dunas (à espera). Durante a caminhada, pai e filho percorrem um longo caminho, ao fim do qual encontram um ponto conveniente para olhar. Assim, o que estava escondido se revela em toda sua grandeza e esplendor. O pedido emocionado do menino nasce de sua perplexidade, mas é também uma expressão generosa: diante da beleza, emerge o desejo de compartilhá-la.

O valor simbólico da narrativa, aplicado a nosso objeto, oferece uma chave de leitura clara. Ensinar literatura é transpor as dunas simbólicas; é conduzir aquele que não vê a um mirante ideal; é ensinar o prazer de compartilhar aquilo que é belo, interessante e comovente. O lente é, portanto, aquele que tem a função fundamental de ajudar na difícil e mágica tarefa de olhar. É ele que deve despertar nos alunos a percepção de que o mar é um signo múltiplo – é o interesse pelo desconhecido, é a fúria da natureza, é o cotidiano do pescador, é o cenário das aventuras, é o chamado da história moderna, é o abismo que separa, é o caminho que se abre, é o perigo salgado, é o banho do descanso, é épico, é romanesco, é cantável. De Camões a Caymmi, passando por Galeano, o mar se revela como um mar de possibilidades de leitura e de percepções do mundo.

Portanto, a literatura é uma forma de mediação entre a palavra e as realidades possíveis, que se abrem através de seus simbolismos. E, desse modo, ensinar literatura é, antes de tudo, treinar a fluidez do olhar, revelar que a verdade pode ter várias facetas. Isso tudo é muito difícil para um aluno que ingressa no Ensino Médio, no auge de seus 14 para 15 anos, cheio de verdades cristalizadas e imerso em um cotidiano pré-significado, que dá pouca margem à imaginação, tal como Walter Benjamin havia percebido já nos anos 1930 em seu célebre ensaio sobre “O narrador”.

Esse jovem entrará na sala em seu horário determinado, sentará em sua carteira devidamente indicada, em um espaço onde todas as coisas estão em seu lugar mais

prosaico, e onde todos os alunos seguem precisamente as regras de conduta e os papéis sociais adequados. Se a literatura explora as possibilidades menos imediatas da linguagem, tudo que é usual e pré-estabelecido limita o olhar, e faz com que passem despercebidas todas as possibilidades simbólicas latentes nos signos cotidianos.

Sem o receio de imitar *A sociedade dos poetas mortos*, é preciso seguir o conselho do professor John Keating – é preciso subir na mesa e procurar um novo ponto para olhar. Rasgar o livro, investigar o proibido, quebrar os protocolos são também tarefas edificantes. Não tomemos como literal a sugestão. Devemos entender que o aluno só terá clareza sobre o que é a literatura e para que ela serve, quando descobrir que o mundo a sua volta está dotado de possibilidades insuspeitadas e que a capacidade de enxergá-las torna a existência mais ampla, confortável, criativa e prazerosa.

Aliás, entender a finalidade do que se aprende é sempre um bom começo. “Para que serve literatura?” é a pergunta que o professor deve fazer a seus alunos já em sua primeira aula. E esperar o silêncio inicial. Muitos deles não estão acostumados com a ideia de que as coisas que aprendem na escola servem efetivamente para alguma coisa. Nesse ponto, é importante explicar que, com essa afirmação, não se quer ferir a autonomia da obra de arte ou da literatura. Porém, quando o professor se propõe a discutir a “utilidade” dessa disciplina, longe de diminuí-lo (ou de diminuí-la), acaba por revelar sua grande importância.

A pergunta sobre a finalidade da literatura (ou da arte de modo mais amplo) é um tema fundamental para a filosofia, tendo recebido a atenção de muitos pensadores, desde os gregos clássicos. Platão, como se sabe, quis expulsar os poetas de sua república, crendo que a literatura afastava o indivíduo ainda mais da realidade, ao imitar aquilo que já era, em si, uma ilusão. Além disso, para o autor, a poesia poderia levar a um desequilíbrio das emoções, pouco condizente com o estado de racionalidade e equilíbrio que o filósofo desejava para seu projeto de sociedade. Mesmo assim, Platão não deixou de observar o potencial didático da arte que ensina o bom e o belo.

Aristóteles, por sua vez, divergiu de seu predecessor, ao compreender que a imitação literária não se reivindicava como realidade, pois se dava em um plano ficcional, de modo que, em vez de afastar do mundo real, acabava contribuindo para a reflexão sobre ele. Mais que isso, esse filósofo viu na trama literária a possibilidade da purificação através de um processo catártico, onde a desestabilização temida por Platão se mostraria apenas provisória, sendo seguida de uma retomada benéfica do equilíbrio inicial.

As concordâncias e divergências entre Platão e Aristóteles foram fundamentais para sedimentar as discussões que se seguiriam sobre a importância e a finalidade da literatura e das outras artes. De Kant, que refletiu sobre a arte no âmbito da satisfação e do utilitarismo, a Sartre, que enfatizou seu potencial de transformação do indivíduo e da própria realidade, as diversas teorias sobre a literatura pensam e repensam a relação entre o ser humano, o mundo real e a produção literária/ artística.

Destarte, as teorias literárias giram, frequentemente, em torno de algumas questões centrais: a literatura serve realmente a algum propósito que não seja o de produzir prazer? Qual é sua importância para a formação do indivíduo? Como é seu horizonte de atuação no campo racional? Como ela é capaz de despertar, gerar ou interferir nos sentimentos humanos? Qual é a medida de sua atuação política? Como o investimento estético nas palavras pode ajudar a produzir um ser humano mais ético, satisfeito, feliz, equilibrado e, para usar a expressão kantiana, “emancipado”? Que mundo teríamos não fosse a existência da literatura e das outras artes? Que mundo essas criações estéticas ajudam a construir?

“Para que serve a literatura?” é, portanto, senão a superfície de uma discussão profunda, que precisa de muita mediação do professor, para que os alunos atinjam uma reflexão ampla sobre as inúmeras questões que dela derivam. Depois de lançada a pergunta e do silêncio inicial, o alunos, aos poucos, arriscarão respostas pouco contundentes, algumas irônicas, outras imediatistas. É importante que o professor esteja atento às respostas sugeridas, pois delas podem surgir desdobramentos interessantes e até outros caminhos possíveis para lidar com o tema.

Assim, depois de ouvidas as tentativas, em vez de uma resposta objetiva, o professor pode testar uma experiência, sempre imbuído de um sorriso monalísico nos lábios. Para começar, pode-se partir de uma ordem simples: fazer com que os alunos troquem de lugar. E mais, que troquem as coisas de lugar. A lixeira da sala pode virar enfeite da mesa; a mochila pode ficar pendurada na maçaneta da porta; o quadro sem números pode ficar mais agradável com desenhos ou mensagens. Um aluno pode ser colocado em cada janela (especialmente se houver vistas diferentes). Um atrás da porta. Um, de jaleco e crachá, mira o que acontece de cima do tablado. Um, no centro da sala, envolto nas mesas previamente dispostas em círculos. Um em cada quina, olhos na parede. Um em cima da cadeira, um sentado no chão, um com elegância repousa na cadeira. Os alunos entre assustados e divertidos esperariam, desconfiados, o próximo passo.

O professor passa a perguntar a cada aluno sobre coisas que seu ângulo de visão não permite afirmar com certeza. O que fica na quina explica o que acontece da janela, o da janela

explica o que acontece no corredor, e assim por diante. A seguir, o aluno que está na posição mais conveniente conta o que realmente se passa. A percepção de que a realidade é relativa pode ir emergindo, assim, ludicamente. Os mais contestadores, porém, dirão: “Mas, se estivéssemos no mesmo lugar veríamos a mesma coisa!”.

Segue mais uma etapa do teste. Colocar alguns alunos no mesmo lugar e pedir que escrevam o que está acontecendo à sua volta, descrevendo o local, as pessoas e as ações. Para surpresa dos alunos, as descrições apresentam diferenças. Um percebe apenas o mais geral; outro se agarra aos detalhes; um terceiro percebe a organização do espaço; o mais matemático supôs medidas exatas para sala. Um fez questão de dizer que o quadro-negro, na verdade, era azul. Alguns contaram lâmpadas, outros perceberam cores.

O que está sendo descrito é, evidentemente, um processo de pré-leitura, que, além de motivar o aluno a desenvolver a aprendizagem, direciona sua interpretação e faz com que ele estabeleça conexão entre os fatos. A literatura, como se disse, é também tirar as palavras de seu lugar habitual. E ler é também perceber que as coisas podem ser vistas de outras formas. E, assim, enxerga melhor quem tem mais facilidade de se mover entre os pontos de observação.

Nesse momento, convém passar para o texto propriamente dito. Uma boa sugestão é “Verdade” de Drummond:

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

O enigma do texto literário é seu impedimento inicial. Há aqui a proibição de ler as palavras em seu sentido usual. Do ponto comum de observação, só o que se pode ver são dunas (ou portas fechadas). É preciso se mover, portanto. Contemplar “surdamente” as

palavras e procurar um novo mirante. A pré-leitura certamente ajudará os alunos a compreenderem essa necessidade. Começamos da porta: é o primeiro deslocamento de sentido feito no poema. O que a “porta da verdade” tem a ver com a porta da sala? A limitação do olhar, vivida minutos antes, torna-se texto concreto. A luz e a escuridão estão na mesma esteira simbólica e são uma das antinomias mais fundamentais para a compreensão da literatura. Apagar a luz pode ser mais um experimento. Na luz, ganhamos clareza; no escuro, aguçamos os sentidos.

Segue a discussão sobre o que seria “capricho”, “ilusão”, “miopia”. O que significam, denotativamente, essas palavras? Que valor conotativo podem ganhar? A conclusão de Drummond é também a introdução à literatura: os olhares do sujeito podem reformular o objeto visto, segundo sua teimosia, seu desejo e sua dificuldade de enxergar. O primeiro passo é compreender que a literatura pode ensinar a olhar melhor os próprios olhos que nos traem.

2 AMPLIANDO GAIOLAS

Na sequência desse projeto introdutório, outro texto muito conveniente é o conto “Ideias de canário” de Machado de Assis, onde se narra a história de um “homem dado a estudos de ornitologia”, que encontra um canário em uma espécie de brechó. Lamentando o aprisionamento do luminoso bichinho naquele espaço sombrio e bagunçado, o homem começa a maldizer quem o abandonara ali, privado do “espaço azul e infinito”. Para sua surpresa, a visão de mundo do canário era um pouco diferente, segundo a própria ave viria a explicar:

O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira. (ASSIS, 1995, p. 73)

O mais interessante é que depois de comprar o canário e transferi-lo para outro espaço e outra gaiola, o homem lhe repete a pergunta sobre “o que é o mundo” e, para nova surpresa, a ave altera sua primeira resposta e descreve o que mira do novo contexto. E episódio semelhante se repetirá uma vez mais, no desfecho do conto. Feita essa leitura, é hora de investigar com os alunos o signo “gaiola”. E de fazê-los perceber que, cada um de nós está em uma, que limita nossa capacidade de olhar o mundo. E que a grande função do professor é a de ampliar gaiolas.

A divertida história de Machado questiona os conceitos de verdade, mentira, loucura e ciência. Mencionar “O alienista” seria bastante adequado, e pode ser uma boa oportunidade de ensinar os conceitos de intertextualidade e hipertexto. Em uma turma mais madura seriam possíveis diálogos com Platão, Erasmo de Roterdan e Schopenhauer, mostrando como a Filosofia é uma ciência vizinha e muito útil à reflexão crítica e à busca de um lugar mais conveniente para ver.

É longa a lista de filmes que podem ser associados a essa discussão. Desde o clássico *Matrix*, até os mais recentes *Ilha do medo* e *A origem*, a inclusão do cinema na discussão entre ficção e realidade é bastante útil, mormente para uma geração que prima pelo ótico. Entre os filmes europeus, o francês *Bem me quer, mal me quer*, com a celebrada Audrey Tautou, é também muito apropriado para o debate. Nele, a história é contada primeiro pela protagonista, que sofre de um transtorno psicológico relacionado a uma paixão. Sem sabermos disso, assistimos ao relato, aborrecidos com o personagem que é objeto de sua paixão, um médico casado, que teria prometido abandonar sua esposa e se casar com a protagonista. Depois, o filme volta a seu início e é contado sob outro ponto de vista. Caso semelhante acontece com *Uma mente brilhante*, no qual realidade e imaginação se confundem, configurando mais um interessante material para refletir sobre o discurso, a verdade e a loucura.

Quadrinhos também são de grande valia para essa discussão. Principalmente porque, por vezes, têm como personagens principais crianças, que podem ser associadas ao poder de imaginação, à sinceridade (não raro, cruel) e a uma visão inaugural da realidade. Veja-se o exemplo abaixo:



Calvin é uma criança imaginativa que tem um tigre de pelúcia, que só aparece animado nos quadros onde não há adultos. Trata-se, portanto, de uma projeção do imaginário da própria criança, que pensa em uma série de teorias conspiratórias contra ele, todas devidamente desmentidas pela mãe. O quadro final, porém, mantém a desconfiança com as

respostas assertivas relatadas por Calvin. Aliás, adolescentes de modo geral são também apaixonados por teorias conspiratórias e mensagens subliminares, o que pode (e deve) ser explorado pelo professor de literatura em suas aulas.

Para fechar esse módulo de introdução, uma música faz bem. O polêmico e divertido Raul Seixas nos oferece, para tanto, a letra de “Todo mundo explica”. A partir dessa canção (vale colocar a música para que eles conheçam o objeto estético em sua integralidade), o professor pode resumir a ideia de que há várias formas de explicar a realidade:

Mas todo mundo explica
 Explica, Freud, o padre explica, Krishnamurti tá vendendo
 A explicação na livraria, que lhe faz a prestação
 Que tem Platão que explica, que explica tudo tão bem vai lá
 Que todo mundo explica
 protestante, o autofalante, o zen-budismo, Brahma, Skol
 Capitalismo oculta um cofre de fã, fé, fi, finalismo
 Hare Krishna, e dando a dica enquanto aquele papagaio curupaca implica
 Com o carimbo positivo da ciência que aprova e classifica

A ciência positiva “que aprova e classifica” é a mesma ciência positivista que é ironizada em “Ideias de canário” e em “O alienista”. E é ela também que norteia uma concepção de ensino voltada para o “despejo” de informações, construídas pela “comprovação científica” e impostas como verdades absolutas. Esse entendimento, além de pouco instigante, desenvolve de modo muito limitado o potencial crítico do aluno, e acaba por embotar o grande ensinamento que a literatura é capaz de oferecer. Se, em vez de listas de livros, séculos e autores, ensinássemos que as palavras têm o poder de construir realidades, dotaríamos os alunos da dupla capacidade de compreender propostas diferentes de ver o mundo e, principalmente, de construir suas próprias maneiras de enxergá-lo.

Assim, o experimento acima descrito, que pode ser dividido em duas ou três aulas, funcionaria como uma forma de, não só introduzir a ciência da literatura, mas afirmar um posicionamento intelectual e profissional que compreende que o professor não deve ser um mero reproduzidor de informações, mas um ampliador de horizontes. Até porque, em pleno século XXI, o professor-enciclopédia acaba sucumbindo à grandeza do Google. As fontes de informação são muitas; a capacidade de seleção e interpretação é que carece de investimento sério e dedicado.

Por fim, atendendo à orientação dos PCNs, que recomendam o estudo da língua segundo a ideia de “USO>REFLEXÃO>USO”, o até aqui descrito representaria o cumprimento dos dois estágios iniciais – observar a língua em uso e refletir sobre ela. Assim, é preciso investir também na sequência dessas reflexões, estimulando o aluno a produzir

algum tipo de texto (poema, conto, curta-metragem ou canção) no qual ele consiga afirmar a multiplicidade da verdade e a necessidade de buscar formas de olhar.

3 OLHO VIVO

O poeta e pensador T.S.Eliot já afirmava que o conhecimento é um círculo, cujo raio aumenta a cada nova informação, que acaba por mudar de lugar a posição de todos os pontos. Estamos mais uma vez falando em aumentar gaiolas e horizontes. A literatura oferece uma série de mundos possíveis, tirando as coisas e as ideias de seu lugar comum. Por isso, a tese aqui defendida versa sobre a importância de guiar o olhar.

Nesse sentido, é muito oportuno concluir com o poema “Reclame” de Chacal, que faz parte da antologia de poesia marginal organizada por Fabio Weintraub (2006):

Se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
...ou transforme o mundo

ótica olho vivo
agradece a preferência

Percebemos no pequeno poema acima a ideia de que o mundo pode ser visto com outras lentes; e é o professor que deve oferecê-las ao aluno. Interessante também observar a ambiguidade do título. Ao mesmo tempo em que “Reclame” é sinônimo de anúncio, de propaganda – gerando a interpretação de que é sempre possível ver as coisas sob um ponto de vista mais conveniente -, sugere-se ainda o verbo no imperativo “reclame”, ou seja, uma ordem de não acomodação; uma incitação ao protesto, ao questionamento.

Talvez um balanço das duas situações seja válido. Tornar o aluno um cidadão crítico, um bom leitor, através do ensino de língua e literatura é fundamental, estimulando-o também a produzir cultura a partir de sua combinação particular, de seu círculo único de conhecimento. Assim, esse aluno saberá ler também a si próprio e também ao mundo em que está imerso, sendo capaz de transformar-se e transformá-lo.

O lente deve conduzir seus alunos a uma visão equilibrada de modo geral. Desenvolver a capacidade crítica, por vezes, fará com que vejam o mundo em sua face mais injusta. Mas isso não deve torná-los amargos, ou dotados de uma revolta infértil – é preciso ser capaz de enxergar o mundo com ternura. Porém, deve-se reconhecer também a hora de reclamar, de fazer-se presente, de negar-se ao conformismo. Ser um agente transformador,

que terá a grande missão de, em companhia das pessoas de seu tempo, desenvolver mais um esforço utópico de inventar um mundo melhor que este em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

ASSIS, Machado de. *O alienista e outros contos*. São Paulo: Moderna, 1995.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental – bases legais*. Brasília: Ministério da educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. *Parâmetros curriculares Nacionais – Ensino Médio – bases legais Ministério da Educação*. Brasília: Ministério da educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

ELIOT, T.S. “Tradição e talento individual”. In: *Antologia de crítica literária*. Rio de Janeiro: Lido, 1968.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SARTRE, Jean Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

WATTERSON, Bill. *Tem alguma coisa babando embaixo da cama*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2008.

WEINTRAUB, Fabio (org.). *Poesia Marginal*. São Paulo: Ática, 2006.

FILMOGRAFIA

COLOMBANI, Laetitia. *Bem me quer, Mal me quer*. França, 2002.

HOWARD, Ron. *Uma mente brilhante*. Estados Unidos, 2001.

NOLAN, Christopher. *A origem*. Estados Unidos, Inglaterra, 2010.

SCORSESE, Martin. *Ilha do medo*. Estados Unidos, 2010.

WACHOWSKI, Andy and Lerry. *Matrix*. Estados Unidos, 1999.